

AS DIMENSÕES DO SISTEMA TEMPORAL NO DISCURSO DE UM JORNAL BRASILEIRO

Marieta Prata de Lima Dias¹

Resumo

Seguindo Weinrich (1974), chamamos de Tempo à noção discutida historicamente (Whitrow, 1993) e de tempos ao comportamento do falante articulado nos dois grupos temporais do mundo comentado e do mundo narrado. O objetivo geral da pesquisa foi comparar o desempenho discursivo quanto às dimensões do sistema temporal, por meio de estudo dos verbos presentes em um jornal brasileiro de 1897 e de 1997, visando apreender as diferenças entre esses momentos de situação comunicativa. A análise, feita conforme Weinrich (1974) e Koch (1987), observou a atitude comunicativa, a perspectiva comunicativa e o relevo. Concluímos que, além da diferença na extensão dos planos narrativos, atualmente há mais comentário e remissão ao futuro e, no século anterior, mais narração e revisão do passado.

Palavras-chave: *Lexicologia; Análise do Discurso; Linguística e Ensino.*

Abstract

According to Weinrich (1974), we called Time to the notion historically discussed (Whitrow, 1993) and times to the behavior of articulated speaker in the two temporary groups of the commented world and of the narrated world. The general objective of the research was to compare the discursive performance as to the dimensions of the temporary system, by means of study of the present verbs in a Brazilian newspaper from 1897 and 1997s, seeking to apprehend the differences among those moments of communicative situations. According to Weinrich (1974) and Koch (1987), the analysis perceived the communicative attitude, the communicative perspective and the relief. We concluded that, besides the differences in the extension of the narrative plans, nowadays there are more comments and

remission to the future and, in the previous century, more narration and revision of the past.

Keywords: *Lexicology; Analysis of Speech; Linguistics and Teaching.*

Na língua portuguesa, as formas verbais desempenham função importante nas diversas situações comunicativas e o encaminhamento de observação por vezes dado ao estudo de verbos no Ensino Fundamental e Ensino Médio é infrutífero, pelo fato de constituir mero “treinamento de formas paradigmáticas” e pouco contribuir para o desempenho lingüístico enquanto forma de interação.

Nesta oportunidade, intencionamos observar especificamente o papel dos tempos verbais em um discurso escrito da variedade lingüística considerada padrão (Pinto: 1986:50 e Perini, 1995:26, entre outros). Nosso objetivo geral foi enfatizar a *atitude de relato* e a *atitude de comentário*, por meio de estudo dos verbos presentes em discurso jornalístico de 1897 e de 1997, visando apreender as diferenças entre esses momentos de situação comunicativa. Tivemos como *corpus* a primeira folha do jornal *O Estado de São Paulo*, nos referidos anos e, de forma aleatória, escolhemos como amostra a semana de dezesseis a vinte e dois de novembro de ambos os períodos.

Na análise, servimo-nos das indicações dadas por Weinrich (1974), com as adaptações para o português sugeridas por Koch (1987) e por nós mesmos, e propusemos um enfoque quantitativo e qualitativo. Quantitativo, à medida que a porcentagem de frequência dos verbos dos dois períodos foi apresentada por grupos temporais. Qualitativo, quando retornando ao contexto lingüístico, comentamos as formas verbais quanto às dimensões de *atitude comunicativa*, *perspectiva comunicativa* e *aplicação do relevo*.

¹ Professora Dep. de Letras / ICHS / Campus Universitário de Rondonópolis / UFMT. Doutoranda Dep. de Pós-Graduação em Linguística / FFLCH/USP.

Para Whitrow (1993), a noção de tempo foi iniciada quando o homem, tendo tomado consciência de si e da continuidade pessoal ao longo de uma sucessão de diferentes estados de percepção, usando a memória, foi capaz de refletir sobre fatos passados e ações intencionais. Nas sucessivas épocas e nas diferentes culturas, a noção de tempo variou/varia muito. Roma Imperial herdou a visão de tempo dos judeus, assim como a esperança cristã de redenção. O tempo teria começado com a Criação e terminaria com a Segunda Vinda de Cristo. O interesse pela astronomia na Idade Média ofereceu meio de controlar os eventos terrestres e a teoria do tempo descontínuo ou atomístico (o tempo composto de átomos de tempo; uma hora é, por exemplo, dividida em sessenta minutos, o segundo em sessenta partes etc.). Porém a prática moderna de numerar os dias do mês consecutivamente, do primeiro ao último, veio da Síria e do Egito para o Ocidente, na segunda metade do século VI (Whitrow, 1993:101) e a divisão em eras, estações e épocas, do conceito filosófico de tempo dos chineses. Na Idade Moderna, o tempo deixou de ser associado a cataclismo, para se ligar à vida diária, passando da abundância e da ligação com o ciclo inalterável do solo da vida do campo para a mobilidade e percepção de que “tempo é dinheiro” da vida urbana. Até o início deste século, o conceito de tempo que dominou a ciência física foi o de ser universal e único, compreendendo uma sucessão de estados, que existem por instantes sucessivos semelhantes à seqüência de pontos numa linha reta de extensão indefinida. Em 1905, Albert Einstein revolucionou a noção de tempo, ao afirmar que para dois acontecimentos simultâneos ocorridos em espaços diversos, o tempo é diferente, visto ser relativo ao observador (Whitrow, 1993:194).

Lembrando com Weinrich (1974) de que há idiomas que referenciam os tempos diferentemente do Tempo - por exemplo, no alemão *tempus* e *Zeit* e, no inglês, *Tense* e *Time*, chamamos de *Tempo* à noção historicamente discutida e de *tempos*, às formas verbais que se deixam admitir ao “grupo temporal I” ou ao “grupo temporal II” (Weinrich 1974:52) e que, nessa admissão, articulam o comportamento do falante como narrador ou comentador.

Weinrich comenta que, ao iniciarmos uma simples carta, colocamos o local e a data. Se no outro dia a continuarmos, anotamos uma pós-data que anula a primeira; porém o local vale até o final da carta. A data tem validade “até nova ordem”. Isto parece dado como suposto para o escritor da carta, mas não parece ser compreendido por si na linguagem. A linguagem não se contenta com que indiquemos o tempo verbal “de uma vez para sempre” ou “até nova ordem” em uma história. A linguagem se empenha que repitamos a indicação, e com freqüência de mais de uma vez, em cada oração. Isto ocorre na maioria das línguas. A data de uma carta designa o Tempo em que se começa a escrever. Não diz nada do tempo de seu conteúdo. Na carta, encontramos outros dados temporais – “na carta de amanhã”, por

exemplo. Assim, com ajuda da data *objetiva* (a que está no início, por exemplo 5/9/1860), o leitor pode transformar a data *subjéctiva* “de amanhã” em uma data objetiva (por exemplo, a do dia 6/9/1860). Isso sempre ocorre, porque a linguagem põe a nossa disposição uma grande abundância de advérbios chamados temporais (*manhã*, *amanhã pela manhã*, *amanhã cedo* etc.) e também uma série de números junto às unidades da medida do Tempo, de forma que determiná-los com exatidão encontra mais limites na precisão dos instrumentos de medição do que nos meios de que dispõe a língua para denominar noções exatas. Diante da exatidão dos matizes de determinação temporal cronométrica e dos muitos matizes dos advérbios de Tempo, aparecem os tempos do verbo como um instrumento da linguagem bastante inútil. Para Weinrich (1974), a explicação lingüística deve ocorrer pelo lingüístico e, por isso, deve ser lembrado que cada fenômeno lingüístico tem seu emprego em estruturas de duas dimensões: a *paradigmática* e a *sintagmática*. O tempo está na dimensão paradigmática à medida que forma com os outros tempos da linguagem um sistema em que se acham relacionadas todas as formas verbais e, na dimensão sintagmática, por estar o tempo verbal relacionado aos demais tempos da oração, do capítulo, do discurso ou do texto, ou seja, ao contexto. O autor diz que a gramática chama de *tempos* ao que a língua francesa oferece como *formas verbais*. Por forma verbal, compreende-se o lexema verbal e todo o complexo de morfemas que lhe corresponde e de que jamais se priva a língua viva. O tempo simples apresenta a sucessão lexema-morfema e o composto, morfema-lexema-morfema.

Um tempo de um discurso não é ilimitadamente combinável com outros tempos. Certas combinações são preferidas no contexto próximo ou remoto; outras são limitadas e inclusive inadmissíveis. Este fenômeno é denominado *consecutio temporum* ou *concordância de tempos*. Nela é que os tempos se combinam em estruturas não somente paradigmáticas, mas também sintagmáticas, distribuindo-se na oração e no texto segundo uma ordem necessária e determinada. Segundo Weinrich (1974), os tempos do francês (e, certamente, de qualquer outra língua românica, do alemão, inglês, grego ou latim) se distribuem em *dois grupos temporais* cujos tempos respectivos apresentam certas notas comuns e juntos formam o sistema temporal – o “grupo temporal I” e o “grupo temporal II”. Para Weinrich (1974:52), no GT I, constam: *il a chanté, il chantera, il aura chanté, il va chanter, il vient de chanter, il est en train de chanter* e *il chante*; no GT II, *il avait chanté, il chanterait, il aurait chanté, il allait chanter, il était en train de chanter, il chantait* e *il chanta*. Tal divisão não tem um marco extralingüístico, mas é lida e ouvida na própria linguagem. Trata-se de uma estrutura lingüística e não de um sistema de conceitos. Para o autor, além destes dois grupos só há as formas (*infinitif, présent, gérondif, participe passé, impératif* e *subjunctif*), chamadas de semitempos. Os semitempos se encontram em

dependência de outras fontes para obter mais informação. Em geral, da informação do contexto lingüístico, especialmente de outro verbo com informação completa sobre a situação. Weinrich (1974) afirma que o condicional está entre o mundo narrado e o mundo comentado; participa dos dois, tal como outras construções, como as orações temporais, causais, concessivas. Por isso, se diz que tem *validade limitada*.

Sendo assim, o sistema temporal apresenta-se com três dimensões: a *atitude comunicativa*, a *perspectiva comunicativa* e o *relevo*.

A **atitude comunicativa** tem a ver com a fronteira estrutural dos dois grupos verbais. Não há entre eles uma fronteira temporal e sim determinadas afinidades entre cada grupo e certas situações comunicativas; estas também se repartem em dois grupos, segundo o grupo temporal que nelas predomina. No grupo I, predomina a lírica, o drama, o diálogo em geral, o periodismo, o ensaio literário, a exposição científica, as deliberações, monólogos, descrições, cartas, comentários, sermões, discussões e indicações cênicas; no grupo II, a novela, a novela curta e todo tipo de narração oral ou escrita, exceto as partes dialogadas intercaladas. As situações comunicativas dos tempos do grupo I têm em comum o fato de que seu mundo é comentado. Indiferentemente se a história é verdadeira ou não, literária ou não, as situações que dominam nos tempos do grupo II são as que narramos – seja pequeno acontecimento, informação de um periódico sobre uma conferência política, reprodução de uma eventual caça, fábula, novela, seja obra histórica. Os tempos dos verbos do mundo comentado são mais abundantes que os do mundo narrado.

Assim como os tempos, também os advérbios se dividem em dois grupos e nos informam se falamos do mundo narrado ou do mundo comentado – são os *advérbios do tempo narrado* (*então, naquele tempo, na véspera, no dia seguinte*) e os *advérbios da temporalidade* (*agora, hoje, amanhã, ontem*).

Na situação de comentário, a atitude é *tensa*, tanto do corpo quanto do espírito, porque o discurso trata de coisas que afetam o falante diretamente. O tempo presente não tem nada a ver com o Tempo. O presente é um tempo, é o tempo principal do mundo comentado e designa por ele uma determinada atitude comunicativa. Quando o falante emprega os tempos do grupo I, o ouvinte ignora que tenha que relacionar a informação ao passado. Isto porque o mundo comentado é indiferente ao Tempo. Pode permanecer fixo no passado por uma data, ou no presente ou no futuro por qualquer outro dado. O mundo é comentado, tratado, não é narrado. O falante está comprometido; tem que mover e tem que reagir e seu discurso é um fragmento de ação que modifica o mundo em um vértice e que, por sua vez, empenha ao falante também um vértice. Ao comentar um assunto, raras vezes se trata do tempo. Em geral, trata-se de coisas que afetam diretamente o falante e o ouvinte, ou seja, que sejam atuais ou conhecidas; portanto, situá-las no Tempo não é necessário.

Na situação narrativa há *atitude relaxada* do espírito, do discurso e, conseqüentemente, do corpo. No relato, o falante e o ouvinte são mais espectadores do que personagens ativos em um “teatro do mundo” mesmo ainda quando se contemplam a si mesmos. O relato está construído com os tempos do mundo relatado e o drama, do mundo comentado. O mundo narrado é uma cena. O mundo dos contos infantis é o mundo narrado por excelência. Sua introdução e conclusão correspondem geralmente a uma fórmula. Muitas vezes, as conclusões (que citam a palavra *conto* ou iniciam a questão da verdade) assinalam nitidamente o limite entre o mundo narrado e o mundo comentado.

A **perspectiva comunicativa** tem a ver com a retrospecção e prospecção. Os tempos se orientam na situação comunicativa de forma que em cada um dos dois grupos se dá um grau zero, o qual prescinde de toda fixação de perspectiva, e vários graus de retrospecção e prospecção. A retrospecção e a prospecção são no *mundo comentado* manifestações de compromisso; a retrospecção e a prospecção são no mundo narrado manifestações de liberdade. A retrospecção no mundo comentado compromete e prejudica e a prospecção desafia como promessa ou ameaça nossas preocupações e ocupações, pois falar é comentar comprometidamente. A retrospecção contém um momento temporal (de Tempo), pressupondo o fenômeno (extralingüístico) do Tempo.

O *presente* é o *tempo zero* no mundo comentado; não é, todavia, indiferente à distinção entre o mundo narrado e mundo comentado. O *pretérito imperfeito* e o *perfeito simples* são os *tempos zeros* do GT II. A diferença entre imperfeito e perfeito simples nada tem a ver com Tempo. Qualquer ação incompleta, duradora, repetida ou costumeira pode, como é lógico, estar em imperfeito; mas, em determinadas circunstâncias, pode igualmente estar em perfeito simples. Os *tempos zeros* do mundo comentado e os do mundo narrado são os tempos que mais usamos ao falar.

O **relevo** ocorre somente na narração, podendo estar em um *primeiro plano* e em um *segundo plano*. Os tempos narrativos aparecem mesclados, não há relato construído à base de só um tempo e a proporção é variável. O relato tem funções qualitativamente diferentes em seu corpo – introdução, núcleo narrativo e conclusão –, que constituem as três fases do tempo. O *pretérito imperfeito* é no relato o tempo do segundo plano; o *perfeito simples* é o tempo do primeiro plano. Essa distribuição não tem leis imutáveis, exceto em que apareçam entremescladas, e a liberdade do narrador é limitada por algumas estruturas do ato de narrar. Narra-se quando se conhece algo não trivial e que seja digno de ser narrado, que não é cotidiano, constante e permanente. No relato de fundo aparecem melhor coisas habituais e correntes e no relato do primeiro plano, as coisas extraordinárias e não habituais. Nos tempos do segundo plano se dão os fenômenos durativos e nos do primeiro, os pontuais. Mudar um verbo do tempo de fundo para o primeiro plano é

querer dar relevo àquela ação. As orações em perfeito simples contêm a substância da variação, portanto, o primeiro plano. O relevo narrativo que determina a estrutura geral de um relato aparece também nas estruturas parciais de cada período e oração. A oração narrativa reflete nas pequenas partes o relevo narrativo de todo o relato. Todos os semitempos são formas verbais do segundo plano. Sua forma de dar *relevo* transpassa toda a linguagem, não se restringindo ao mundo narrado.

O perfeito é uma forma de as línguas referirem-se ao passado de modo não narrativo, pois quando se comenta o passado em lugar de narrá-lo não é precisamente algo conclusivo, mas algo que pertence tanto ao meu mundo como o atual ou o futuro, que comento porque ocupo-me dele. É um passado em que intervenho porque dou forma com as mesmas palavras em que relato atas. E dando formas ao passado, comentando-o, troco ao mesmo tempo meu presente e meu futuro. Abrimos sua significação a nossa existência em lugar de fechá-la ou narrá-la. Acercamo-nos do passado com uma postura estimativa e crítica frente ao acontecimento passado, é uma constatação subjetiva, a expressão de um parecer. O passado não é narrado, é comentado. Como processo pode haver concluído absolutamente, mas o incluo em minha existência para comentá-lo – isto não tem nada a ver com o Tempo. Ao comentar, concentramo-nos em coisas que interessam.

Além da fronteira de mundo narrado e mundo comentado, ambos esses tempos separam-se pela *perspectiva de grau zero* e de *grau retrospectivo*. Somente o fato de se referirem a coisas passadas é o traço comum. Mas o imperfeito se acha debilitado. Na língua atual serve para narração como em qualquer outra época. A crise do *perfeito simples* não afeta, sem mais nem menos, a classe dos tempos narrativos, senão unicamente o tempo do primeiro plano da narração; o segundo plano permanece inalterado.

Uma forma do perfeito composto tolerar o caráter narrativo, além da mescla com o imperfeito, é o uso de advérbios, ainda que não pareçam ser determinação temporal. Tais advérbios conferem à oração o caráter de relato fluido que não pode receber do perfeito composto e que está previsto somente para a retrospectiva ocasional. Podemos considerar tais advérbios como morfemas adicionais temporais ainda não gramaticalizados de todo. Isso significa que há duas classes de perfeito composto: um como tempo de retrospectiva do mundo comentado e uma como tempo narrativo dilatado por um morfema no decurso narrativo (*pois, então etc.*). Quando está na posição de tempo de retrospectiva do mundo comentado, o perfeito composto não substitui nenhum outro tempo, está por si mesmo, e aparece junto aos tempos do mundo comentado. Quando está na posição de tempo narrativo, tem a função de relatar, vem acompanhado dos tempos do mundo narrado (imperfeito e mais-perfeito, por exemplo), substitui o perfeito simples, formando com o grupo temporal II a alternância dos tempos.

Weinrich sugere que os verbos sejam analisados com base nas três dimensões e para isso introduz alguns símbolos, a saber: L (lexema), Pn (pessoa), A (atitude comunicativa), Pe (perspectiva comunicativa) e R (aplicação de relevo). O que daria a fórmula estrutural do verbo completo, ou da oração *Ele canta*: L – Pn A Pe R. A fórmula de informação semântica (a significação do verbo ou mais exatamente seu lexema) está separada da informação sintática por um hífen. A informação sintática é de outra espécie, alicerça a significação do verbo na situação comunicativa. Deve-se considerar a situação comunicativa como medida do sintático. A *sintaxe* pode definir-se como parte da ciência da linguagem que estuda o enlace (direto ou indireto) da significação da situação comunicativa.

Para Weinrich (1974), seria possível traçar uma tipologia de situações comunicativas que são específicas para cada cultura, começando pelas unidades maiores para identificar depois, a partir da estrutura da totalidade, as partes menores. Também as unidades máximas não são orações ou períodos, mas situações comunicativas e textos com leis literárias e seus gêneros. Com isso deveria começar a gramática. A narração parece ser efetivamente uma forma universal de manifestação lingüística.

Ao dizer sobre o Tempo e os tempos dos periódicos, Weinrich informa que foi no final do século XVIII que se desenvolveu na França um novo estilo literário – o periódico. Seu início situa-se na *Acta diurna de César*, no século XVII, e na segunda metade do século XVIII, converte-se em uma instituição. Em 1762, o semanário *Gazette de France* se transforma em órgão oficial do governo francês e, em 1777, aparece no país o primeiro periódico – *Journal de Paris*. Passam a dominar a opinião pública e a língua do público. O periódico guarda com o tempo uma relação particular, tanto pelos próprios nomes dos jornais (*de Zeit* = Tempo; *The Times* etc.) quanto pelo objetivo de apresentar as notícias do dia: o mais novo e o mais atual, não de ontem nem de tempos passados. A notícia de hoje não pode esperar até amanhã, porque amanhã aparecerá outro periódico, outro diário. O entendimento do princípio periodístico de trazer as notícias do dia deve ser relativizado. Os meios informativos dos séculos XVIII e XIX não estavam tão aperfeiçoados como estão os do século XX. Além disso, os periódicos da manhã sofriam desde o começo a desvantagem de não poder, por força das circunstâncias, trazer notícias mais atuais do que as do dia anterior. Todas as notícias, que em si podem também ser consideradas relatos, encontram-se como notícias do dia e pertencem à esfera do passado mais recente. Trata-se, pois, de uma prolongação do lapso de vinte e quatro horas, mas de *prolongação* que cai dentro da *idéia de diário*.

A seguir, apresentamos os quadros quantitativos que comparam ambos os períodos e, seguindo Weinrich (1974), lemos os números de forma qualitativa. Relembramos que as dimensões eleitas para observação foram a atitude comunicativa, a perspectiva comunicativa e o relevo.

A quantidade de manchetes de 1897 é, no mínimo cinco e, no máximo, oito e são somente nominais. Em 1997, são inúmeras e predominantemente orações de período simples com verbos, em geral, no presente, constituindo uma espécie de *resumo* dos fatos ocorridos. *É a partir delas que se fará o comentário. É através delas que se solicita a atenção do leitor* (Koch, 1987:39). Percebemos que na única oração com verbo no passado, há o advérbio *já*, que a atualiza no tempo, dando-lhe o tom de comentário.

Foram acrescentadas algumas considerações ao critério de análise do discurso do sistema temporal proposto por Weinrich (1974) e Koch (1987), feita uma adaptação para o português e apresentado a seguir, observando que os verbos marcados com asterisco desempenham o *tempo zero* do grupo.

Sistema Temporal	
Grupo Temporal I (Mundo comentado)	Grupo Temporal II (Mundo narrado)
<i>Ele tem cantado</i> (Pret. Perf. Composto)	<i>Ele tinha/havia cantado</i> (<i>Ele cantara</i>) (Pret. Mais que Perfeito)
<i>Ele cantará</i> (Fut. do Presente)	<i>Ele cantaria</i> (Futuro do Pretérito)
<i>Ele terá cantado</i> (Fut. Pres. Composto)	<i>Ele haveria cantado</i> (Loc. Verbal com Fut. Pretérito)
<i>Ele vai cantar</i> (Loc. Verbal de Futuro)	<i>Ele ia cantar</i> (Loc. Verbal de Pret. Imperfeito)
<i>Ele acaba de cantar</i> (Loc. Verbal de Pret. Perf.)	<i>Ele acabava de cantar</i> (Loc. Verbal Pret. Imperfeito)
<i>Ele está cantando</i> (Loc. Verbal de Presente)	<i>Ele estava cantando</i> (Loc. Verbal Pret. Imperfeito)
<i>Ele canta</i> (Indicativo Presente)	* <i>Ele cantava</i> (Pret. Imperfeito)
	* <i>Ele cantou</i> (Pret. Perf. Simples)

Embora Bescherelle (s.d.:VII) afirme que *o passado composto (passé composé), que designa uma ação passada que tem certa relação com o momento presente, seja por causa de seus resultados, seja por tal ou qual dos seus aspectos (...)* (*Costuma-se traduzir em português pelo pretérito perfeito simples*), optamos por traduzir o *passé composé* “ao pé da letra”, para diferenciar do *passé simple*, verbo do Grupo Temporal II. Também traduzimos o *passé simple*, conforme o pretérito perfeito simples das gramáticas de língua portuguesa aceitando a sugestão de Bescherelle e observando a tradução feita por Weinrich (1974:195) para *cantó (perfecto simples)*. O fato desse tempo não ser mais usado em francês não entra em cogitação em nossa análise.

Os verbos assinalados por uma asterisco (*) são os tempos de *grau zero* dos respectivos grupos temporais, dado de interesse na análise da perspectiva comunicativa. Alguns critérios foram estabelecidos no momento de divisão dos verbos nos dois grupos:

- foi considerado o tempo verbal do verbo auxiliar da locução verbal, quanto à intenção comunicativa e não quanto à classificação das gramáticas. Por exemplo: *podem trazer* e *devem tornar-se* foram considerados do Grupo Temporal I, como futuro próximo, se assim pudermos denominar;
- não nos preocupamos com a classificação de pessoa (Pn);

- foram listados os verbos em seu conjunto lexicático – por exemplo, *entra em vigor* e *diz respeito*;
- as formas em imperativo, subjuntivo e infinitivo foram listadas como *semítempos* somente quando estavam sós, ou seja, geralmente antecedidas por uma preposição, ou quando iniciavam oração subordinada. Entendemos que o contexto lingüístico possibilite perceber a pessoa, a atitude e a perspectiva tanto do infinitivo pessoal, quanto do infinitivo impessoal, particípio, subjuntivo e até do gerúndio, cuja fórmula para Weinrich (1974) compõe-se apenas de Lexema. Esta idéia será melhor explorada no item 3.4.

A ATITUDE COMUNICATIVA

Por atitude comunicativa, entendemos com Weinrich (1974) a postura enunciativa de relaxamento ao narrar ou de comprometimento ao comentar. *É graças aos tempos verbais que emprega que o falante apresenta o mundo – ‘mundo’ entendido como possível conteúdo de uma comunicação lingüística – e o ouvinte o entende, ou como mundo comentado ou como mundo narrado* (Koch, 1987:37-38).

A atitude comunicativa nada tem a ver com o Tempo. O sistema temporal dividido em Grupo Temporal I (GT I) e Grupo Temporal II (GT II), apresentado por Weinrich e reorganizado por nós, constitui apenas uma marca lingüística de apreensão da postura do enunciatador. Não há entre ambos os grupos uma fronteira temporal e sim uma diferença na atitude comunicativa. No GT I, o enunciatador coloca-se a *comentar* a notícia e no GT II, a *narrá-la*.

Por ser inviável a comparação de quantidade entre os dois períodos, devido à grande diferença quanto ao número de verbos (A amostra de 1887 representa 24,4% da extensão, em palavras, da amostra deste século.), optamos por comparar os verbos porcentualmente no próprio conjunto.

Tabela 1: Relação do GT I e do GT II com o total de cada período

	% no total de 1897	% no total de 1997
GT I	46,84	69,41
GT II	53,15	30,58

Como podemos ler na Tabela 1, os jornalistas-enunciadores do fim do século passado apresentavam uma atitude mais de *narrador*, no conjunto total de verbos representativos daquela época – 53,15% de verbos com características da narração e 46,84% com características do comentário. Os jornalistas-enunciadores do fim deste século mostram-se bem mais *comentaristas* do que *narradores* – 69,41% de verbos do GT I e 30,58% do GR II.

Poderíamos nos lembrar da dificuldade de recebimento de informação naquela ocasião, o que trazia como conseqüência o fato de as notícias terem sido recebidas quando muito no dia anterior e, portanto, eram *ouvidas em rodas do Vaticano* (Texto 1) ou, mesmo no Brasil, recebidas com certo atraso (Texto 2) – conta-se no dia 21/11 a festa realizada em 15/11.

(Texto 1) Vaticano

Ouvimos em rodas do Vaticano que o papa está redigindo um breve contra o marquez de Rudini, a proposito das persiguições aos catholicos. (17/11/1897)

(Texto 2) Pirassununga

Estiveram bastante animadas as festas realizadas em comemoração do oitavo aniversario da Republica. Á noite houve uma passeiata civica, precedida de banda de musica, usando da palavra por diversas vezes o dr. Joaquim de Oliveira Braga, engenheiro de obras publicas. (21/11/1897)

Observamos que, em 1897, os poucos comentários referem-se aos benefícios e problemas urbanos - *linha de bonds* a ser instalada e a falta de água, por exemplo. Os relatos são de *gatunagens* ocorridas, encontro de corpo boiando no Rio Tietê, informação sobre o mercado financeiro, ocorrência de incêndio e de festas comemorativas do oitavo aniversário da Proclamação da República. Mesmo as notícias do mercado financeiro, que são comuns aos dois períodos, deixam, por vezes, transparecer atitude enunciativa diversa, como podemos constatar lendo o Texto 3 e o Texto 4.

(Texto 3) “Nova York, 15

O mercado fechou, no sabbado apathico, porém com ata (sic) de 5 pontos nos preços e as vendas do dia tendo sido de 6.000 saccas.” (17/11/1897)

(Texto 4) NOTAS E INFORMAÇÕES

A tensão diminuiu no mundo financeiro e o balanço da semana é claramente positivo. A crise mostrou que regimes políticos mais abertos que os dominantes na Ásia podem ser um fator de segurança econômica. ‘Saindo da turbulência’, na página A3. (22/11/1997)

O Texto 3 simplesmente narra. Já o Texto 4 narra e comenta. Tira do fato ocorrido a “lição” para o agora, por meio de uma locução verbal do GT I (*podem ser*). É o que Weinrich (1974) chama de *validade limitada* - o mundo comentário insere-se no mundo narrativo como forma de comprometê-lo. Por outro lado, constata-se que o roubo não só é problema antigo na capital paulista como também é assunto dos jornais de um século ao outro – o Texto 5 e o Texto 6 o confirmam.

(Texto 5)

Gatunagem

Hontem, os gatunos, aproveitando-se da falta de policiamento enquanto se realisava a parada, praticaram quatro roubos no disstricto (sic) de Santa Ephigenia. (19/11/1897)

(Texto 6) Cresce 18% o número de roubos em SP

As Polícias Militar e Civil deverão iniciar trabalhos conjuntos no combate ao crime em São Paulo, que cresceu nas ruas, prédios, estabelecimentos comerciais e bancos. Entre janeiro e outubro, os roubos na capital aumentaram 18% e os furtos, 8,2%, em comparação com o mesmo período de 1997. (22/11/1997)

Percebe-se que no Texto 5 o leitor encontra-se em postura de relaxamento, tal como “escutasse um caso”, sem se envolver – os verbos estão no pretérito perfeito simples, pretérito imperfeito e há um gerúndio, que, conforme defendemos, também está no pretérito em assimilação ao contexto. No Texto 6, a própria manchete já incita uma possível resposta do leitor – no mínimo um pensamento de insatisfação perante a constatação do crescimento da porcentagem de roubos. Ele é convidado a participar, até a “vigiar” os trabalhos das Polícia Militar e Civil no combate ao crime.

A mudança de predomínio da atitude de narração para atitude de comentário de um século a outro não pode ser atribuída somente ao enunciador, mas também ao enunciatário. A clientela-enunciatária requer mais, participa mais; é mais politizada e informada. Há também um processo *interativo* mais declarado, tanto é que não havia propagandas em 1897 e em 1997 há todos os dias, conforme se lê no Texto 7, que o próprio uso do imperativo indica a consciência do “você, leitor”.

(Texto 7) Coleção Videomagia Estadão.

Próximo domingo, 23/11, Highlander – A Última Arma Compre o Estadão e com mais R\$ 3,00 leve a revista e ganhe uma fita de vídeo.”

A PERSPECTIVA COMUNICATIVA

Enquanto a atitude comunicativa nada tem a ver com o Tempo, a *perspectiva comunicativa* diz respeito ao tempo cronológico. Weinrich considera o presente como *tempo zero* do mundo comentado e o pretérito perfeito e pretério imperfeito como *tempos zero* do mundo narrado. Em relação a esses tempos zero, os fatos são narrados ou comentados com perspectiva de *retrospecção* ou de *prospecção*.

Tabela 2: Porcentagem de Tempo Zero, de Retrospecção e Introspecção

	GRUPO TEMPORAL I			GRUPO TEMPORAL II				
	Tempo Zero	Pretérito Perfeito Composto	Futuro	Pretérito Perfeito Simples	Pretérito Imperfeito	Soma Tempo Zero	Pretérito mais que Perfeito	Futuro do Pretérito
1897	72,34%	4,25%	23,40%	79,66%	15,25%	94,91%	0%	5,08%
1997	72,29%	0%	27,70%	82,84%	15,97%	98,81%	0%	1,18%

Quanto ao mundo comentado, os resultados da Tabela 2 confirmam que, ao se comentar algo, a perspectiva *zero* é o próprio momento, a atualidade – é ele que serve de ponto de partida para a visão do passado ou do futuro. Os dois séculos quase não apresentaram diferença – 72,34% de uso do *tempo zero* em 1897 e 72,29% de *tempo zero* em 1997. Por outro lado, enquanto em 1897 houve 4,25% de *retrospecção*, em 1997 nada houve. Já em relação à *prospecção*, em 1997 há mais (27,70%) do que em 1897 (23,40%).

Quanto ao mundo narrado, conforme a Tabela 2, em 1887 o *tempo zero* era menos representativo (94,91%) do que em 1997 (98,81%). Havia mais *prospecção* há um século (5,08%) do que atualmente (1,18%).

Constatamos, pois, que os jornais atualmente, além de comentar mais, remetem-se com maior frequência ao futuro, ao que está por acontecer. Também pouco retomam do passado em seus comentários; antigamente isso ocorria. No entanto, atualmente, quando se *narra*, o passado queda mais “em seu lugar”, ou melhor, as ações estão em seu tempo de ocorrência sem se projetarem muito no futuro. Isso está bem de acordo com o “progressismo” atual, certa tendência de esquecimento dos fatos passados.

O Texto 8 revela o comentário acompanhado de retrospecção, no século passado. Do fato atual – a estrada intransitável – retrocede-se no tempo e narra sua causa – o furacão que destruiu plantações.

(Texto 8) Pará

Acha-se intransitável a estrada que liga a cidade de Bragança ao bairro do Almaco, devido a um furacão, que destruiu muitas plantações em Curral do Meio e Caçaquêra.” (22/11/1897)

O Texto 9 mostra como essa projeção ocorre, seja pelo contexto semântico seja pelas formas verbais de infinitivo e gerúndio. Ao par do ato de *dar*, praticado pela Câmara dos Deputados por meio do ato de *aprovar* a reforma administrativa, ambos no passado, cogita-se sua consequência futura – o governo *poderá enfrentar crises e reformará a máquina burocrática*.

(Texto 9) NOTAS E INFORMAÇÕES

Aprovando a reforma administrativa, a Câmara dos Deputados deu ao governo instrumentos para poder enfrentar eventuais crise, além de poder reformar a máquina burocrática. ‘O início da racionalização do Estado’, na página A3.’ (21/11/1997)

O RELEVO

Para Weinrich (1974), o relevo era ocorrente apenas no mundo narrado. É como se o relato transcorresse

em dois planos – uma a própria seqüência do fato (em primeiro plano), usando o pretérito perfeito, e outro, as observações, os apartes do enunciador (em segundo plano), usando o pretérito imperfeito.

Ainda apoiando-nos na Tabela 2, podemos dizer que em ambos os séculos os enunciadores narram o desenrolar dos fatos sem se imiscuir muito com dados complementares. A porcentagem de uso do pretérito imperfeito é bastante semelhante – 15,25% em 1897 e 15,97% em 1997. A diferença está no primeiro plano – no século passado ele era menor (79,66%) do que neste (82,84%).

Isso está relacionado à perspectiva, visto que antes o enunciador tinha o primeiro plano narrativo menor, mas maior prospecção e, agora, há o primeiro plano mais prolongado, porém com menor prospecção.

Vejam os planos em um texto de cada período – no Texto 10 e no Texto 11.

(Texto 10) Santos

O incendio no hotel do Guarujá teve origem no alto da chaminé da cozinha installada num predio de tijolos e situada nos fundos da ala direita do edificio principal. Entre a cozinha e o hotel existia um pavilhão de madeira, que servia de copa. O incendio começou ás 3 horas e 25 da madrugada, e antes das 4 horas o hotel tinha sido devorado pelas chammas. (18/11/1997)

1º plano	2º plano
<i>O incendio do hotel do Guarujá teve origem no alto da chaminé da cozinha installada num predio de tijolos e situada nos fundos da ala direita do edificio principal.</i>	<i>Entre a cozinha e o hotel existia um pavilhão de madeira, que servia de copa.</i>
<i>O incendio começou ás 3 horas e 25 da madrugada</i>	<i>antes das 4 horas o hotel tinha sido devorado pelas chammas.</i>

(Texto 11) Ataque contra turistas mata 61 no Egito

Grupo de terroristas abre fogo contra ônibus lotado de europeus e japoneses em Luxor.

Seis integrantes islâmicos fuzilaram ontem 57 turistas estrangeiros e 4 egípcios nos templos históricos da cidade de Luxor, no sul do Egito. Dois policiais e um guia também morreram. Foi o pior ataque já lançado no país desde 1992, início da atual revolta fundamentalista. A tática do grupo, que luta para derrubar o governo, é afetar o turismo, que rende US\$ 3 bilhões por ano, quase um terço das receitas do país. Os terroristas teriam passado pela segurança num ônibus turístico e abriram fogo quando o grupo de estrangeiros se preparava para a iniciar a visita. “Eles estavam sedentos de sangue”, disse uma testemunha, que contou ter visto corpos sendo mutilados. O ataque foi atribuído à organização integrista Gamaa al-Islamiya. Líderes mundiais condenaram o massacre e agências suspenderam as viagens ao país.

1º plano	2º plano	Comentário	1º plano	2º plano
Seis integrantes islâmicos fuzilaram ontem 57 turistas estrangeiros e 4 egípcios nos templos históricos da cidade de Luxor, no sul do Egito. Dois policiais e um guia também morreram.		Grupo de terroristas abre fogo contra ônibus lotado de europeus e japoneses em Luxor.		
	Os terroristas teriam passado pela segurança num ônibus turístico e abriram fogo quando o grupo de estrangeiros se preparava para iniciar a visita.		Foi o pior ataque já lançado no país desde 1992, início da atual revolta fundamentalista	
		A tática do grupo, que luta para derrubar o governo, é afetar o turismo, que rende US\$ 3 bilhões por ano, quase um terço das receitas do país.		
	Eles estavam sedentos de sangue		Disse uma testemunha que contou ter visto	
	corpos sendo mutilados		O ataque foi atribuído à organização integrista Gamaa al-Islamiya. Líderes mundiais condenaram o massacre e agências suspenderam as viagens ao país.	

No Texto 11 há duas narrativas e um comentário: a narrativa do próprio ato de terrorismo (1º e 2º plano), a narrativa da repercussão do fato (1º e 2º plano) e o comentário acerca do ato terrorista e seus objetivos.

CONCLUSÃO

Este breve estudo permitiu ver que tempo não é apenas a *propriedade que tem o verbo de colocar o fato no tempo, em relação ao momento em que se fala* (Faraco & Moura, 1987:224), mas que o tempo verbal tem também a função de mostrar que, em qualquer ato enunciativo, o enunciador está tão somente relatando acontecimentos ocorridos, verdadeiros ou não, em postura de relaxamento tanto para ele quanto para o enunciatário – pelo fato de não mais haver “o que fazer” (O fato já ocorreu!) - ou está comentando acontecimentos / idéias ocorrentes, em postura de compromisso, relativo somente a ele ou a ele e enunciatário conjuntamente.

Os enunciadores das notícias do jornal *O Estado de São Paulo* deste século assumem uma atitude comunicativa

predominantemente de comentadores, enquanto que os do século passado eram mais narradores. Sendo assim, o enunciatário de hoje não só contribuiu para essa postura como também se compromete mais, conjuntamente com o enunciador, em relação ao dito. Em 1897, observamos haver discursos inteiramente de relato; em 1997, há uma “mistura” maior de mundo narrado e de mundo comentado; é raro haver um texto somente de relato.

Os comentários atuais são feitos com remissão ao futuro. Em 1897, os poucos comentários diziam respeito somente ao momento alvo da notícia, mais revendo seus antecedentes do que perscrutando seu porvir. Enquanto que os fatos narrados atualmente são mesmo vistos como coisa do passado, sem muita prospecção, os de antigamente eram projetados mais freqüentemente em sua prossecução.

Quanto ao relevo dado no mundo narrado, no século anterior, o desenvolvimento do próprio ato ocorrido, o primeiro plano, era menor do que os apartes “explicativos” da ocorrência, o segundo plano. Neste século, a narração é mais seqüencial, sem muitas considerações acerca do processo.

No comentário, embora Weinrich não se atenha à perspectiva, percebemos que ela existe, só que é predominantemente de prospecção, principalmente neste século.

Podemos dizer que os jornais de hoje não se contentam em apenas *contar* os fatos, mas o fazem com um tom pessoal de envolvimento e requisitando também comprometimento dos leitores. É como se houvesse um *rush* pelo agir social, político, econômico, cultural etc.

Análises deste tipo esclarecem ao próprio professor e também aos alunos o funcionamento da língua e a função dos tempos verbais na situação comunicativa – conhecimentos tão necessários à renovação metodológica de um ensino de línguas que objetiva desenvolver práticas e estratégias cognitivas e metacognitivas, cujo instrumento primordial é o uso lingüístico. É um tipo de reflexão teórica que pode auxiliar na passagem do entendimento de tempos verbais unicamente como marca gramatical de referência cronológica das experiências reais para marca enunciativa a serviço da locução, da atitude assumida na interação lingüística.

BIBLIOGRAFIA

- BESCHERELLE. *L'Art de Conjuguer Dictionnaire des huit mille verbes usuels*. (1959) Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Ltda., s.d.
- DUBOIS, Jean e outros. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FARACO, C. E. e MOURA, F. M. de. *Gramática*. São Paulo: Ática, 1987.
- JORNAL *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 16/11/1997 a 22/11/1997.
- KOCH, Ingedore Villaça. “As Marcas Lingüísticas da Argumentação”. In: *Argumentação e Linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1987:35-48.
- LAROUSSE. *Petit Dictionnaire de la Langue Française*. (1987) Paris: Larousse, 1993.
- PERINI, Mário A. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995.
- PEREIRA, Helena B. C. e SIGNER, Rena. *Michaelis Pequeno Dicionário Francês/Português Português/Francês*. São Paulo: Melhoramentos, 1992.
- _____. *Michaelis Pequeno Dicionário Espanhol-Português Português-Espanhol*. São Paulo: Melhoramentos, 1992.
- PINTO, Edith Pimentel. *A Língua Escrita no Brasil*. São Paulo: Ática, 1986.
- SOUZA E SILVA, Maria Cecília Perez de. A Intertextualidade e os Tempos Verbais: Fatores Determinantes para a Caracterização Tipológica dos Textos Acadêmicos. In: *Trabalhos de Lingüística Aplicada*. Nº 15. Campinas: Unicamp/IEL, jan./jun. 1990:87-104.
- WEINRICH, Harald. *Estructura y Función de Los Tiempos en el Lenguaje*. (1964) Versión española de Federico Latorre. Madrid: Biblioteca Románica Hispánica / Editorial Gredos, 1974.
- WHITROW, G. J. *O Tempo na História. Concepções da pré-história aos nossos dias*. (1988) Trad. M. Luiza X.A. Borges e César Q. Benjamin. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.